

Julho a Dezembro 1887

4535

A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor+chefe Dr. Antonio Bento

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO 60 REIS

ANNO I	REDAÇÃO LARGO 7 DE SETEMBRO Propriedade de uma Associação	S. Paulo, 3 de Julho de 1887	ASSIGNATURAS CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs. Pagamento adiantado	N. 50
--------	---	------------------------------	--	-------

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos assignantes do interior o obsequio de nos enviarem o importe das assignaturas pelo correio.

Os Srs. assignantes poderão deduzir o importe do correio.

Toda a correspondencia relativa á parte economica desta folha deve ser dirigida a DINIZ & SOL, typographia UNIÃO.

A REDEMPÇÃO

S. PAULO, 3 DE JULHO DE 1887.

Deportação do Imperador

Foi ante hontem um dia de grandes duvidas e encertezas na vida do Imperio.

O Imperador partiu, e a nação ficou perplexa, se elle deixou a patria voluntariamente para procurar saude no estrangeiro, ou se cedeu como um forçado, á pressão dos que o cercavam e tiraram a sua liberdade e a sua honra.

O Sr. barão de Cotegipe ao ser despedido do gabinete Caxias, como resto do ministerio, invectivou a monarchia, mimando nos seus sentimentos de vingança a situação liberal, com praticas que teve de repudiar na questão militar pedindo aos adversarios que lhe ditassem medidas de governo.

A escravidão é synonymo de astucia trahição e força.

Por uma terrivel coincidência, o Imperador adoeceu depois das expansões abolicionistas durante a sua excursão por esta provincia.

O desfecho da enfermidade foi uma viagem com o silencio da opposição liberal.

Não seria um dever do partido decahido, e em opposição salvar a sua responsabilidade pelo voto que deu consentindo nesta viagem qualificada *deportação*? Silencio e mysterio são as duas grandes virtudes parlamentares nesta epocha de predominio de sordido interesse.

Bastou que o sr. Paulino de Souza declarasse no Senado, estar nas classes elevadas todo o apoio da monarchia, para que surgisse a moção das ruas que dirribou o gabinete Dantas.

O Imperador partiu com o apoio das classes elevadas.

Quem se afflige pelo que dizem de sua viagem é o povo!... e sómente o povo.

Com Sua Magestade o Imperador partiu tambem o Principe Dom. Pedro Augusto.

A partida do Principe, foi mais uma aggravante, nas conjecturas que preocupam o espirito da nação.

O Imperador commetteu erros graves, mas ambos os partidos o cortejaram carregando com a responsabilidade.

Zacharias e José Bonifacio não tiveram a culpa.

Se o aspecto que apresenta a nação reflecte a influencia da acção dos partidos constitucionaes, a responsabilidade commum, mandava guardar para com o Imperante invalido, os sentimentos de caridade que a ninguém se nega.

Era forçoso que Sua Magestade partis-se, expondo-se a não voltar vivo para a sua patria?

Eis o que perguntava o povo, que não lhe nega o seu reconhecido espirito de justiça e de protecção aos brazileiros de merecimentos desamparados, ao assistir mudo, ás scenas de que foi ante-hontem protagonista o barão de Cotegipe.

Quando terá a palavra o partido da opposição?

O paiz procura um ponto de apoio e um centro para onde converja seus olhos afflictos, e recolha-se em sorda tristeza, em que o mergulha a sua dolorosa orphandade de estadistas patriotas.

O terceiro reinado, começa sem alegrias.

Eleição do ministro da Agricultura

Tinhamos affirmado ao *Correio Paulistano*, que, de balde, estava a gastar sciencia para convencer os republicanos que deviam votar no exmo. ministro da Agricultura.

O resultado está conhecido e nos logares em que os republicanos e liberaes tem mais força, foi justamente onde o ministro da Agricultura teve maior votação.

Agora, perguntamos nós se os republicanos são ou não monarchistas como nós mesmos?

Estava o *Correio* todo tremulo, já o capitão Joaquin Roberto tinha ido á Sé, pedir ao padre Guilhermino um pedaço de cyrio paschoal, que acendeu dentro do oratorio em que resam os adeptos da União, já o coronel Claudio tinha resolvido dormir durante todo o pleito eleitoral do 4º districto, de medo que qualquer noticia lhe viesse causar minoria, e Figó, que ha muito...

...mensagem que fizera o Zé-zé.

Tanto medo inutil, tanta promessa perdida.

Apaguem o cyrio, que o dia de Pentecostes já passou.

Durma, joven o somno da innocencia, porque neste paiz ha só duas qualidades de homens—uns que querem a escravidão—e outros que batalham, para extingui-la.

Em quanto houver escravos não ha perigo que aquellos que su-tentam essa negra instituição deixem de ter os votos dos liberaes e republicanos do interior.

Para que tanto medo!

Para que foram perturbar a paz de espirito do pobre velho conego, que

não pôde mais saber o que é uma missa, e nem a diz ha muito tempo?

Nós sabiamos que o dr. Rodrigo Silva era eleito *pela certa* como diz o Souza da dita, de Campinas.

Quando o partido liberal for governo a mesma cousa, a mesma certeza, não de ter os seus candidatos.

Em materia de politica não ha provincia mais atrazada que a nossa.

Aqui, o partido é o governo, não ha espirito publico, portanto, porque razão o *Correio*, que é velho como trapo e que conhece estas cousas mais do que nós, havia de estar a gastar sciencia, cyrios e missas para uma eleição qua todos já conheciam?

O *Correio* já caduca.

Filiação desconhecida

Antes da prova historica da verdade e justiça da decisão da Relação da Corte, firmemos os pontos juridicos inabalaveis e inconcussos dessa decisão.

São livres os nascidos no Brazil, cujas filiações forem desconhecidas.

Accordams da Relação.

A justiça dessas decisões não pôde ser posta em duvida.

Sendo a escravidão, como facto anormal contrario á lei natural, sómente tolerada pela lei civil por força de razões puramente economicas; nunca e em caso algum se presume, mas deve pelo contrario ser provada sempre.—Inst. Just. alv. 30 de Junho de 1609.

E' tão grande o poder desse principio ou preceito juridico, que, recommendando constantemente as nossas leis, desde tempos antigos, todo favor á liberdade, tem sempre uniformemente declarado, entre outras disposições:—que muitas cousas são constituídas em favor da liberdade, contra as regras geraes de direito; que são mais fortes e de maior ponderação as razões em favor da liberdade, do que as que porventura se produzam em favor do captivo; e que a prova do captivo incumbe áquelle que requer contra a liberdade, porque em favor desta existe sempre a presumpção plenissima de direito:—Ord. 1.ª tit. 11 § 4; L. 1.ª Abril 1682; L. 6 Junho 1755.

Ora, se a escravidão não se presume, e se actualmente ninguém mais nasce

escravo no Brazil; até a promulgação da lei Rio Branco sómente havia uma unica fonte e um modo unico de manter e perpetuar a escravidão dos nacionaes, que era o nascimento de ventre escravo, pelo conhecido principio de direito romano: *partus sequitur ventrem*.

Conseguintemente, sem nenhuma duvida e nem contestação possivel, se a escravidão deve ser provada, e se até o dia anterior ao da promulgação da aurea Lei de 23 de Setembro de 1871 só podia ser escravo o brazileiro nascido de ventre escravo; é por direito de plena condição livre todo individuo, que, nascido no Brazil antes daquella lei, for de *filiação desconhecida*.

E nem se oppõe absolutamente, e nem era logicamente possivel que se opposesse a esse axioma de direito, firme, solido, e inconcusso, a disposição do art. 1.º da nova Lei de 23 de Setembro de 1885, como astutamente e com sinistra malicia pretendem alguns escravistas.

Com effeito, tendo sido decretada e promulgada essa Lei com o fim liberal de apressar e adiantar em todo o imperio a total extincção da escravidão; seria absurdo, manifestamente repugnante á razão e evidentemente contrario ao mais simples bom senso, conceber-se e admitir-se que o usasse ella, não já revogar, mas sequer abalar ou por em duvida a luminosa e incontestavel verdade:—de não poder ser reputado escravo brazileiro algum sem ter nascido de ventre escravo.

Effectivamente, é regra invariavel e sabida de hermeneutica juridica, que, considerada a lei com relação ao seu fim, deve ser interpretada de modo que a significação litteral de suas palavras não vá ferir de frente e contradizer formalmente a clara e manifesta intensão do legislador: L. 6 Junho 177; L. 18 de Agosto 1759.

Conseguintemente, e conhecidos geramente e por ninguém contestados os fins e intuitos da citada lei de 1885, não podem ser entendidas senão de modo necessariamente restrictivo as palavras de art. 1.º:—*filiação se for conhecida*.

Sendo assim, e dada necessariamente essa interpretação *restrictiva* por força do pensamento claro e manifesto do legislador, é evidente com toda a certeza do mais vigoroso syllogismo, que não pôde a proposição condicional—*se for conhecida*, referir-se senão unica e exclusivamente aos escravos importados da Africa; porque são sómente estes os unicos que podem ser reputados taes, sem dependencia do conhecimento de sua *filiação*.

Por consequencia, presumindo-se sempre a liberdade, e não podendo ser escravo nenhum brazileiro sem ter nascido de outro escravo; desde que o mesmo se-

FOLHETIM

(50)

STOWE

A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO XIV

Evangelina

— Já pretenderam fazer-m'o acreditar, Thomaz. Veremos com o tempo o que ha a esse respeito! Seria, na verdade, uma excellente achada! Mas notando o ar triste do pobre Thomaz:

Não te afflijas, ajunta elle bondosamente, estava brincando; bem sei que tens excellentes intenções.

— Assim lh'o posso assegurar, senhor; respondeo Thomaz.

— E hade ser muito feliz, juntou Eva. Papá é bom para com todos; mas gosta de rir.

— Fico-te obrigado pela tua recommendação! diz Saint-Clair a Eva, pegando-lhe pela mão e deixando o seu escravo.

CAPITULO XV

Que trata do novo senhor de Thomaz e de diversas outras cousas.

Agora que a sorte do nosso modesto heróe está associada á de pessoas tão distinctas, torna-se necessario fazer conhecê-las ao leitor.

Agostinho Saint-Clair era filho d'um

rico senhor de engenhos da Louisiana, originario do Canadá. A familia da mãe de Saint-Clair, franceza e protestante, tinha emigrado para a Louisiana desde os primeiros tempos da colonisação do paiz. A constituição extremamente delicada que havia herdado de sua mãe tornou necessaria a sua ausencia da Louisiana, sendo mandado, desde a sua infancia, por conselho dos medicos, passar alguns annos junto de um tio que tinha no Estado po Vermont, cujo clima mais vivo devia fortificar-o.

Desde a mais tenra idade, notava-se n'elle antes a sensibilidade extrema do sexo feminino, que o vigor proprio do seu.

Mas com o tempo, uma energia mais viril disfarçou essa sensibilidade do coração a tal ponto, que bem poucas pessoas suppunham quanto ella era ainda vivaz. Era dotado de grande talento; mas seu espirito, sempre propenso ao ideal, tinha uma repugnancia natural a occupar-se das cousas positivas da vida. Apenas sahido do collegio, uma paixão viva e romanesca se amparou das suas facultades.

Chegou para elle esse momento, unico na vida, em que apparece no nosso horizonte essa estrella, que algumas vezes, infelizmente, só desperta uma vã esperanza; mas cuja imagem fica para sempre gravada no coração. Para elle essa estrella devia brilhar apenas um instante.

Em um dos Estados do Norte conheceo e amou uma senhora, tão distincta por sua formosura, como pela nobreza de seu coração. Contractaram-se de commum accôrdo os esponsaes; mas pouco depois

da sua partida para o Sul, aonde o chamavam os arranjos para o seu casamento, as suas cartas foram-lhe recambiadas, dizendo-se-lhe que, quando voltasse, acharia aquella que elle amava mulher de outrem. Quasi louco de dôr, esperou, como tantos outros, suffocar esta affeição, custasse o que custasse! Demasiado soberbo, para se abaixar a explicações e a rogos, engolfou-se inteiramente no turbilhão dos prazeres elegantes. Quinze dias depois da recepção da fatal carta, já era o adorador titular da beldade da moda, e pouco depois o marido de um corpo gracioso, de dois grandes olhos pretos e de cem mil dollares. Escusa dizer-se que todos invejaram a sorte d'este feliz mortal!

Os jovens noivos passavam a sua lua de mel no meio de uma sociedade brilhante e escolhida, em uma deliciosa chacara nas margens do lago Pontchartrain, quando certo dia uma carta foi entregue a Agostinho Saint-Clair, escripta com essa letra tão conhecida d'elle! Remetteram-lh'a no momento em que, rodeado de numerosa companhia, elle se abandonava ao atractivo de uma espi-rituosa e brilhante conversa. Ao reconhecer a letra, uma pallidez mortal cobrio seu rosto, deixando em breve a companhia. Só no seu quarto, abriu essa carta, que mais valera para elle nunca ter recebido!

Aquella que elle tanto amara contava-lhe os seus soffrimentos. Perseguida pela familia de seu tutor, cujo filho elle ambicionava a mão, vendo as suas cartas sem resposta, a duvida e a dôr lhe tinham arruinado a saude. Havia por fim descoberto a fraude de que por tanto

tempo tinha sido victima, achando um meio seguro de lhe fazer chegar á mão essa carta: carta cheia de esperanza, de confiança e de expressões de um inalteravel amor, expressões mais amargas ao coração do infeliz moço que a morte mesma!

Respondeo immediatamente: «R cebi a sua carta, mas demasiado tarde! Julguei-a infiel e a desesperação se apoderou de mim. Casei... Tudo está pois acabado entre nós. O esquecimento é a nossa unica esperanza!»

Assim acabou o romance, o sonho de Saint-Clair; assim se desvanecio o ideal da sua vida! Só lhe ficou a realidade: essa realidade, semelhante no todo que deixa sobre a costa o azulado mar, agitado por espumosas ondas, coberto de brancas velas e de ligeiras barcas; e mar, com o doce murmuro das suas ondas, a harmoniosa cadencia dos remos e o canto dos pescadores; realidade chã, lodosa, nua, e realidade, emfim!

Nos romances, é cousa sabida que o coração dos amantes se despedaça, elles morrem e fica tudo acabado; o que é na verdade assás commodo. Mas na vida real, não se morre, mesmo quando se vê morrer á roda de si tudo o que fazia amar a existencia! E' forçoso comer, beber, vestir-se, fazer visitas, vender, comprar, fallar, lêr e executar emfim toda essa rotina, que se chama a vida.

Era o recurso que tinha Saint-Clair. Se sua mulher fosse digna d'elle, poderia, como as mulheres podem quando querem, cicatrizar esta ferida dolorosa, e tecer ainda de ouro e de seda a trama de sua vida. Mas Maria Saint-Clair estava longe de suppôr seu marido capaz de ex-

perimentar uma dôr viva do coração. Todas as suas qualidades consistiam, como dissemos, em um corpo elegante, em bellos e em cem mil dollares; ora nenhuma d'estas vantagens era precisamente capaz de consolar um coração afflicto.

Quando acharam Agostinho deitado sobre um canapé, pallido como a morte, e pretextando uma dôr de cabeça, ella limitou-se a recommendar-lhe de espirar alcali volátil.

Mas essa dôr de cabeça e essa pallidez, persistindo dia após dia e semana após semana, sentia não ter suspeitado antes, que Saint-Clair fosse tão delicado; achando bem cruel de se vêr ligada a um homem, cuja saude a impedia de frequentar a sociedade ou a obrigava a sahir sem ter quem acompanhasse, o que era indecente para uma joven noiva.

Agostinho regosijava-se de ter uma mulher tão pouco perspicaz; mas em breve descobri que, uma vez passada a lua de mel, não ha tyranno domestico comparavel a uma joven e bella pessoa, acostumada desde o berço a deixar-se incensar. Maria nunca havia sido dotada de grande dose de affeição, nem de forte sensibilidade; mas o pouco que a natureza lhe tinha distribuido d'esses sentimentos, tinha sido absorvido por um egoismo desmedido, tanto mais incuravel que ella não tinha mesmo a consciencia d'esse defeito.

Rodeada de creados, cuja unica occupação era prevenir todos os seus caprichos, nunca a idéa que elles tambem podiam ter algum sentimento e direito á sua benevolencia, se apresentou, mesmo de longe, a seu espirito.

(Continúa.)

nhor, em documento de bases por elle proprio fornecidas, confessa e proclama em pregão publico, que aquelle a quem conserva sob violento dominio:—nasceu no Brazil, mas ignora, não sabe, e nem póde assegurar se foi fructo de ventre escravo;—é esse mesmo pretendido senhor quem firma com a auctoridade e credito de sua confissão, senão a certeza material pelo menos a presumpção legitima, legal, juridica e indisputavel de: ser de condição livre o individuo a quem retem em injusto captivo.

(Da Gazeta da Tarde).

Manifestação abolicionista

Realizou-se na vespera de S. Pedro a que foi promovida pela Confraria de Nossa Senhora dos Remedios, com grande concurso popular, e em regosijo pela attitudinalmente protectora da causa dos escravos, assumida pelo exmo. e revmo. sr. Bispo Diocesano.

Formado o prestito, em marche aux flambeaux e precedido de tres bandas de musica, desfilou em frente a igreja da referida confraria, percorrendo o Largo da Assembléa, rua do Imperador, Direita, São Bento, Imperatriz, Largo do Collegio e Rua do Carmo, até em frente ao palacio Episcopal.

Nas immedições da residencia do Augusto Prelado postava-se grande numero de pessoas que aguardavam a chegada do cortejo abolicionista.

Recebida pelo secretario particular do exmo. e revmo. sr. Bispo Diocesano, a commissão encarregada de representar os abolicionistas, e composta dos drs. Antonio Rento, Fernandes Coelho e coronel Macedo Pimentel, teve ingresso em um dos salões do palacio, ricamente adornado.

Depois de beijado o anel do Prelado Diocesano, com a devida venia, proferiu o dr. Fernandes Coelho, relator da commissão, um discurso, exaltando os serviços da igreja catholica, na causa da redempção dos captivos e agora tão brilhantemente reproduzidos pelo exm. sr. Bispo Diocesano, quem primeiro assistiu na egreja da confraria ás festas da liberdade, distribuindo as primeiras cartas que por ella foram angariadas.

S. exc. revm. em tocante e bem elaborada oração, respondeu ao orador, ponderando os designios da providencia, acreditava poder assistir, em breve a realisação dos votos que manifestou ha 14 annos, a redempção de todos os captivos.

Despedindo-se de s. exc. revm., retirou-se a commissão, e de uma das janelas do palacio á que compareceu o exmo. sr. Bispo Diocesano, o revmo. conego Ezechias Galvão da Fontoura, em brilhante discurso, agradeceu em nome do Pontifice da igreja paulistana á patriótica assembléa popular, que alli reunida o saudava com tanto entusiasmo.

Fallou ainda um abolicionista, homem do povo, retirando-se em seguida os manifestantes em boa ordem e justa expansão de alegria.

Assim, saudaram os abolicionistas, o Pontifice da egreja Paulistana na vespera do dia que registra o 11º anniversario da sua entrada episcopal nesta diocese.

Na missa pontifical do dia de S. Pedro, foram entregues duas cartas de liberdade, proferindo o revmo. conego Ezechias, no sermão do dia, eloquentes considerações sobre o acto.

Cartas da Corte

30 de Junho de 1887.

Deixa hoje o Brazil, quicá para sempre, aquelle que durante uma boa porção de annos empunhou o sceptro e sentou-se no throno onde d. Pedro I foi collocado por vontade do povo, logo após a scena grotesca dos campos do Ypiranga.

Deixa o Brazil o sr. d. Pedro II, o moço energico de hontem, o velho sem forças de hoje; o principe varonil do quero já, o monarcha envelhecido e enfermo, abatido e sem acção, que se deixa, segundo a voz geral, arrancar do seu imperio sem oppor a minima resistencia.

Leão enfermo como o da fabula, não protesta o infeliz contra os couces de

certos asnos que tendo comido o feno das imperiaes cavallariças, hoje não trepidam em dar-lhe com os pés.

Não existe mais o imperador ativo e energico, ante o qual dobravam-se as espinhas dorsaes dos louvaminheiros vis; si existisse, elle diria hoje áquelles que covardemente o deportam: Estou velho, doente, não viverei muito, mas quero morrer no meio da minha familia, neste paiz onde eu fui tudo e vou sendo nada.

Não existe mais o d. Pedro dos outros tempos; o de hoje, é um velho valetudinario cujas facultades mentaes, segundo dizem, não funcionam regularmente. E' por isso que está reduzido a um automato, movendo-se á vontade de meia duzia de *espartos* que não tem commiserção do seu estado.

A desgraça do imperador é a expiação dos erros que commetteu, durante o seu longo reinado; causa commiserção porém, porque a desgraça sempre é digna de dó.

O sr. d. Pedro vai á Europa e deixa neste pobre paiz a maldita instituição do escravagismo a enodoar o pavilhão nacional. O monarcha, porém, vai abatido physica e moralmente; as lagrimas muita vez turvar-lhe-hão a vista durante o triste exilio, e no soffrer de tantas angustias é somente merecedor da compaixão de todos.

E foram os que se intitulavam e se intitulam seus amigos, aquelles a quem sempre o ex imperante distinguiu e dedicou talvez amizade, que ante as suas câs não hesitaram em lançar mão do repulsivo plano de desterral-o.

Esses sim, tornaram-se dignos do odio publico, da justa indignação dos proprios republicanos, dos homens de bem.

**

Apesar, porém, da indignação publica ante o espantoso attentado, o monarcha segue viagem, afasta-se do seu imperio, caminha para o exilio.

Está terminado o segundo reinado, e o seu final bem triste, nada deixa a desejar ao do primeiro.

Alguns vão mais adiante: dizem que com a viagem do imperador, não é o segundo reinado que acaba, é a monarchia brasileira.

Dessa opinião é o primeiro, dos jornalistas brasileiros, o grande demagogo

começa o artigo intitulado *O Gironde*, publicado no *Paiz* de hoje: «Dentro de algumas horas terá deixado as plagas brasileiras o sr. D. Pedro II; e empunhará as redeas do governo do Estado a augusta senhora a quem o accaso, o nascimento e a interposição do tumulo de um infante constituíram a Herdeira Presumptiva da Corôa.

«Do paquete *Gironde* póde-se dizer que neste momento representa de facto um esquiife.

Não leva o cadaver embalsamado de um homem, mas leva o cadaver de uma Instituição, amortalhada no sudario da indifferença do povo.

«A monarchia brasileira é a que hoje embarca para a Europa...»

**

A imprensa em geral pronúnciou se contraria á viagem, ou melhor á deportação revoltante do imperador, mantendo-se n'uma attitudinal digna de elogios.

A *Gazeta da Tarde* salientou se na publicação de artigos verdadeiramente magistraes, devidos á diamantina penna de José do Patrocínio; Ferreira de Araujo na *Gazeta de Noticias* escreveu tambem diversos e bem elaborados artigos.

O *Novidades* é que mais uma vez destacou-se das outras folhas, pugnando pelo ministerio e pelos auctores da escandalosa deportação.

Excusado é dizer que a defesa dos homens do poder, foi feita por *Nestor* nas suas *notas politicas*.

**

Estamos, pois, em pleno reinado da sra. d. Isabel, a bisneta de d. João VI e esposa do conde d'Eu.

Teremos em breve o *Christophoro*, e o dominio dos jesuitas vac em breve começará...

Pobre paiz!

G. B.

Norte de S. Paulo

Ao passo que os fazendeiros do Sul e Oeste da provincia, procuram por todos os modos, libertarem-se da instituição negra, já libertando os seus escravizados condicionalmente, já estabelecendo colonias em suas fazendas; os fazendeiros do Norte da provincia, afferrados ao trabalho escravo, não dão um passo para melhorar este estado de cousas.

Idiotas e ignorantes, entendem que o grito da liberdade não faz echo nestes lados da provincia.

A liberdade, quaes relampagos, qual fuzil, percorre de sul a norte toda a provincia.

Deponham o bacalhau, abandonem esses troncos e facam tambem plantar-se no norte a bandeira da liberdade e do progresso.

O escravo é tão mal tratado no norte, como no oeste.

A escravidão é sempre má, e quer que ella exista.

Não pensem os fazendeiros do Norte, que os abolicionistas teem suas vistas lançadas para o norte e oeste da provincia.

E' preciso que se liberte esta provincia, de sul a norte, de este a oeste.

A liberdade que no oeste e sul da provincia, traz os seus olhos abertos; no Norte, dorme o somno profundo! Mas, ai do dia em que ella despertar! Preparem-se!

A prudencia é mãe de todas as virtudes!

Para aquelles que trabalham pela liberdade, não ha logares privilegiados, não ha potentados.

O abolicionista quer a liberdade dos miseros escravos, morem elles no norte ou no sul.

O Norte tem olhos e não vê, tem ouvidos e não ouve.

E' preciso que os abolicionistas do norte se acordem.

O silencio do norte nos incommoda.

Cartas de Caçapava

Caçapava, 30 de Junho.

Teve logo a carta de S. João

desta patria, que a liberdade a uma unica escravidão que possuia.

Afinal a egreja que dizendo-se representante de Christo tem até hoje percorrido de um modo diametralmente opposto a doutrina d'elle—do Christo—já fazendo do altar uma banca de commercio e já fazendo sentir o poderio do clero sobre as massas indefeças do povo ignorante, como si a lei divina não prescrevesse a egualdade humana e não condemnasse as ostentações, a riqueza, o egoismo, as comodidades, a violencia, a injustiça, todo esse conjunto de forças com que o poder se sustenta ao abrigo dos soffrimentos, que symbolisam a vida amargurada dos fracos e do homem—Deus, afinal—diz eu—a egreja comprehendeu ou finge comprehendere que o seu verdadeiro papel é esse affeito ás destruições dos poderes elevados contra as aspirações democraticas do homem.

Depois de muitas centenas de annos, os fracos e os descendentes escravizados de uma raça infeliz—os fracos e os escravizados que nem por isso deixaram de ser amados do Senhor—vêm que a obra eterna do legislador supremo vac sendo regularmente interpretada pelos homens.

Hontem os bispos de Goyaz e Pernambuco entraram no caminho que leva ás verdadeiras glorias; hoje o nosso diocesano prega a mais perfeita das doutrinas; e avianhá o clero brasileiro apagará a maior das manchas que lhe deformão a face.

Quem, ha tempo, ouviu a linguagem desse clero, sente se sorpreso diante do novo padre.

Que o diga eu que no dia 24 escutei as palavras do diocesano Francisco de Paula Simões, á proposito da liberdade concedida pelo nosso vigario.

Aquelles dos ministros de Deus que aqui, ha uns mezes, tivesse a ousadia de proferir essas mesmas palavras, talvez não pudesse, a despeito dos poderes humanos, repetil-as neste mundo. Talvez.

Os tempos, porém, vão se mudando e comsigo levam os homens.

Bemdictos si os levam como agora, nesta mudança inexperada.

Quando foi publicado o que escrevi na *Redempção* sobre a pastoral do bispo de Pernambuco, chamaram-me *hereje*. Comtudo um sacerdote de uma das cidades visinhas desta, apertou me a mão mesmo pelo que escrevi.

Embora por causa desta carta, feita a ultima hora, ao correr da penna, não me seja tirada outra *heresia*, haverá outro aperto de mãos: Eu que respeitosa e me congratulo com o vigario desta parochia, pelo seu nobre procedimento.

MARCO AURELIO.

Liberdade com condição de serviço por sete annos???

Lemos em um dos jornaes desta capital, que o sr. Luiz Antonio Ribeiro, fazendeiro na Penha do Rio do Peixe, libertara os seus escravos com a condição de *he prestarem serviço por sete annos*.

Christo disse no Evangelho, que: surdos são aquelles que não querem ouvir, e cegos são aquelles que não querem enchergar.

O sr. Luiz Antonio Ribeiro é cego e surdo.

Pois não sabe esse homem que neste dois annos ha mais tardar, o elemento servil terá desaparecido de nossa provincia?

Não haverá na Penha do Rio do Peixe alguem que leia jornal para contar ao sr. Ribeiro, que a escravidão é, hoje, um ribeiro quasi secco.

Pedimos ao sr. Major Batata, que deixando um pouco o sr. José vá ao Rio do Peixe, e conte ao sr. Ribeiro, que estas libertades com a condição de prestação de serviços, por sete annos, causam riso aos homens sensatos.

Seria bom tambem, que algum abolicionista do Rio do Peixe esclarecesse a esses libertos, sobre a necessidade de elles virem a S. Paulo, consultarem esse caso reservado, e que não passem por Jundiaby, porque o Barão de Sacy, mandão d'ahi, é um quati para gente assi.

Não comprehendemos o que noticiou o nosso collega do *Diario de Santos*. O sr. Accacio comprou ou não o tal pretinho?

Se comprou fosse qual fosse o motivo desde que não foi para libertar, o sr. Accacio é um senhor Accacio.

Vejam os leitores o que escreve o *Diario de Santos* de 26 de Junho:

CARNE HUMANA

E' preciso que os leitores conheçam o sr. Accacio de Castro, residente em Santos. No momento em que toda a briosa população desta cidade intenta limpar-se de todo da pecha de escravidão, ficando sem um unico escravidado; no momento em que se faz a mais generosa das propagandas pela libertação total, o sr. Accacio de Castro encontra no seu bolso 800000 para comprar o infeliz Belisario ao cidadão Joaquim Roberto Alves, de Campinas. Ha alguem nesta cidade que ainda compre carne humana!.. Tristissima vergonha!

Os abolicionistas de Santos que se reúnem e levantem uma estatua a este benemerito! Pela nossa parte gravamos-lhe aqui o nome, certos de que a publicidade desse facto garantilhe-ha a consideração e a estima a que tem direito.

Honrado sr. Accacio! Generoso e magnanimo sr. Accacio!...

Do *Diario de Santos* de 27:

A noticia que demos no nosso ultimo numero sob a epigraphe acima, temos algumas rectificações a fazer. O escravidado Belisario, tendo fugido para esta cidade em virtude dos máus tratos que recebia do seu senhor, pediu ao sr. Accacio de Castro que o comprasse, ao que este cavalheiro accedeu. Em virtude desta informação que nos foi gentilmente dada, o acto do sr. Accacio de Castro deixa de ser censuravel, para ser digno e honroso. Com summo prazer restabelecemos a verdade dos factos, prestando assim inteira justiça aos nobres sentimentos e aos generosos instinctos do sr. Accacio de Castro.

Cartas de Santos

29 de Junho de 1887.

Sr. redactor. A pedido de Fucio Roberto que se retirou da collaboração de seu conceituado e verdadeiro jornal, julguei da minha parte, embora insufficiente, preencher essa lacuna que tanto se faz notavel.

Entro, pois, na materia.

Ha algum tempo para cá, tem-se notado que o *Correio*, jornal estrangeiro, desta cidade, tem-se tornado um verdadeiro para os pobres desprotegidos da sorte: ora noticiando calumnias, ora assacando descomposturas contra os verdadeiros abolicionistas desta cidade taxando-os de sugadores do suor dos escravos, que procuram esta cidade como a terra da promissão. Ora, dando de barato que alguem, a não ser da panellinha do *Correio*, dê credito aquella agua suja escripta pelo comico ambulante, nem mesmo assim aquella *jumencia* que de humano só tem a roupa, devia ser tão descarado escrevendo mentiras que lhe pódem custar bem caro, se proseguir, mesmo porque, anda muito desconhecido semelhante jornaleco, e casas respeitaveis desta cidade não consentem que lhe entrem a porta a dentro, nem mesmo para embullho, o sujo e immundo *Correio*.

Julga-se tambem que os artigos de fundo escriptos com vehemencia sobre os escravos fugidos sejam feitos pelo capitão Caçula, da antiga guarda, o mesmo que escreveu um a pedido no *Correio* dahi, mas caso assim seja, se tal personagem se metter a rabequista, a melhor tinta do meu tinteiro se desfarrá, contando aos leitores deste jornal uma historia sobre a herança do João Fernandes de gloriosa memoria.

Por hoje fico aqui.

WASHINGTON.

Santa Rita do Passa Quatro—Fazenda de S. Simão

Em carta ao infeliz estio em Santa Rita, que foram no passado...

Esses infelizes que hoje, trabalham para os herdeiros de Januario Tybiricá, estariam no goso de liberdade se em Santa Rita do Passa Quatro houvesse um homem honrado que tratasse do direito d'elles.

Devendo ser dada á matricula desses escravizados pelo tutor dos herdeiros de Januario Tybiricá, Luiz da Fonseca, este não o fez, e o administrador dessa fazenda, José Bernardino de Araujo Cintra, sem procuração e sem que ninguem o encomendasse foi assignando a lista e o honrado collector de Santa Rita, sem objecção alguma, matriculou indebitamente esses infelizes, que por esse facto trabalham de graça como se escravos fossem.

Sabemos que em Santa Rita, entre outros, existem os republicanos, Juca Ferraz e Antonio Ferraz, primos do dr. Campos Salles.

Portanto, recomendamos a esses cavalheiros que patrocinem a causa desses infelizes.

Os republicanos que tanto trabalham pela nossa liberdade devem compadecer-se daquelles innocentes, que estão como escravos, sendo livres.

E' verdade, que, quando Benjamin foi entregue a Antonio Americo, pedimos por este jornal aos republicanos de Campinas que o tomassem sob sua protecção.

Tambem é verdade que os republicanos de Campinas fizeram do ouvido de mercador e foi preciso gastarmos, não pequena quantia, para sabermos o destino que tivera Benjamin; mas, talvez os republicanos de Santa Rita não sejam do mesmo naipe que os de Campinas.

Si, porém esta nossa recommendação aos republicanos, fosse improffica, estamos certos que em Santa Rita do Passa Quatro, hade por força ter alguma alma caridosa, que se compadeça desses 25 homens, que trabalham como escravos.

E' preciso que os abolicionistas do interior deixem de ser condescendentes.

Para as grandes idéas os patifes não servem.

UNICA NA PROVINCIA E sem competidor

Camisaria Especial RUA DA IMPERATRIZ, 55 S. PAULO

SORTIMENTO

immenso em roupa branca para homens e meninos Em preços NINGUEM PODE COMPETIR

No trem de Campinas

Nhó Néco

— Tenho andado muito aborrecido, nhó Láu, com os transtornos da minha vida.

Vivia feliz e alegre, em quanto com os nossos recursos de familia trabalhavamos, gozando uma doce e terna alegria, livre de dividas e de compromissos. Vejo um dia em que, a conselho de um fazendeiro, metteu-se-me em cabeça que eu havia de ser rico.

Comprei alguns escravos, mas não sem opposição da familia, e para isso foi preciso empregar as economias, que tanto nos custára ganhar, sendo preciso ainda pedir aos bancos algum dinheiro e hypothecar todos os meus bens em garantia.

Mau fado meu! a lavoura soffreu no primeiro anno grandes estragos, com a geada; no anno seguinte, a secca matou meus cafesaes; no terceiro, fui ainda flagelado pelos bichos, lagartas, larvas, moscas e outros tantos insectos, que não sei para que Deus os creou; o peor do que tudo isto, uma praga mais medonha atormentou-me; uma praga que não corre, não bebe, não trabalha—dia e noite, hora e minutos nos flagela—o destruidor premio!

Considero-me perdido e se eu soubesse...

Nhó Láu

— Se eu soubesse—é ente nullo, Nunca fez bem a ninguém.

Todos dizem:—se eu soubesse, Quando remedio não tem.

Nhó Néco

— Se eu soubesse que tal me aconteceria, não me mettia em camisa de onze varas.

Censurava eu os meus visinhos, que, não sendo amigos, contentavam-se...

Então conheci que não o serviço escravo um roubo, eu tinha sido condemnado, e por isso...

Nhó Láu

—Por isso... sim, foi por isso; Sim, senhor, por isso foi. Escravo não é cavallo, Não é burro, não é boi.

Um conselho, meu amigo: Liberte os seus escravos. Ladrão que rouba a ladrão, Tem cem annos de perdão.

Nhó Néco

— Mas si elles estão hypothecados... Era esse o meu desejo, mas a lei...

Nhó Láu

— A lei é figura tosca, Feita de cera da terra. E' lei do direito patrio Quem menos tem mais berra.

Pois não vê os graúdos que deviam estar purgando seus crimes das cadeias publicas, comendo, bebendo e bailando com os juizes, zeladores da justiça, nas praças publicas e populosas da provincia?

Nhó Néco

— Mas esses não terão dividas a pagar e se as tem, seus bens...

Nhó Láu

— Seus bens são bens do evento, Que não custaram trabalho Limp e livres de remorsos, Mas a peso de vergalho.

O trabalho escravo não aproveita ao senhorio, o das galés não aproveita ao condemnado

Deixe-se de considerações vans. Dando aos seus escravizados a liberdade, dá o seu a seu dono; é uma restituição divina.

Nhó Néco

— Eu também assim penso e vou aproveitar o conselho, uma vez que não é crime dar liberdade a quem de direito é livre.

Nhó Láu

— Dar aos livres liberdade, Foi de Deus sancta sentença; Deu a todos, nessa lei, Liberdade, jus e crença,

A época de é tratantices, meu amigo. Quanto mais tratante, mais adulado, mais considerado.

Por ventura, o serviço escravo é licito e decoroso a quem tem consciencia e remorsos?

Nhó Néco

— Eu não tenho medo da justiça: o que me intimida é a injustiça auctorisada pelos poderosos da terra.

O nosso Brazil tem tanta cousa torta...

Nhó Láu

— Torta vai nossos nação, Sob o manto escravagista. Do torto fazem direito; Fazem do torto—Estadista.

Tudo anda torto, meu amigo. O soldado, creado para a guarda e honra da nação, está pelo governo transformado em capitão do matto, péga-péga de negros fugidos que procuram libertar-se do jugo injusto dos tyrannos.

As cadeias, feitas para a guarda e segurança dos criminosos, transformaram em senzalas de escravos dos senhores fazendeiros que dão leis aos juizes submissos.

Os criminosos vagam impunes, emquanto os innocentes passageiros das estradas de ferro, são atacados e revistados, a titulo de procura de negros fugidos...

Nhó Néco

Os meus negros não fogem, porque são bem tratados, e...

Nhó Láu

— Hoc opus hic labor est— Aqui torce a.... o rabo.

Quem só come angú, feijão... Da enxada larga o cabo.

Ora venha cá. Quando o seu cavallo não quer mais comer milho, o que o senhor?

Nhó Néco

— Dou-lhe capim... fubá...

Nhó Láu

— E elles comem com prazer; não é verdade? Pois o escravo não fazendas, além do angú e feijão bichado, vê tudo o mais por... um oculo.

Si reluta, trocam-lhe o manjar pelo bacalhau, e trabalhe para ahí, sem trégoa nem descanço.

Mas um dia virá em que a porca malcapada, não lhes dará toucinho para os adubos, e o reino do... inferno os espera, com soffreguidão.

Deus queira que seja breve...

Nhó Néco

— Amem.

AGNUS.

Espectaculo digno deste seculo

No dia 28 do corrente, seguia para Porto Feliz o fazendeiro Sampaio Goes, levando um pobre preto.

Em Sorocaba, o infeliz calculando o que naturalmente succede nas fazendas á aquelles que se retiram do serviço, tentou fugir, e o povo de Sorocaba fez pequeno alvoroço, mais deixou que o infeliz fosse preso e mettido no carro.

Em Boituva, o capitão do matto e o fazendeiro agarraram no infeliz preto, depois de bem ensanguentado o amarraram no rabo de um cavallo, e lá seguiram o pobre, para ter o destino que tem todos esses infelizes!

Chamamos a attenção das autoridades de Porto Feliz (se existem) para providenciar sobre esse facto.

Emquanto estes taes fazendeiros tratam desta forma os escravos, nós pregaremos sempre a deserção das fazendas, e quando forem ellas impedidas, remedio mais prompto e conveniente será aconselhado.

Dêem comida, roupa e algum dinheiro aos miseros que trabalham como escravos, quando nunca o foram, e não os tratem peor do que se tratam burros.

Pedimos ás pessoas do interior que escrevem cartas ao redactor deste jornal, que não se massam quando elle lhe não der logo o expediente que ellas pedem.

E' bem escreverem outras e outras, até que tenham solução do negocio de que ellas tratam.

Não temos tido tempo, nem para coçar-nos.

A «Gazeta do Povo» e os busca-pés

Temos ha dias lido nos jornaes, reclamações sobre a noticia que deu o nosso collega da Gazeta do Povo, sobre uns busca-pés que partiram de uma casa em que moravam empregados da firma Lebre, Irmão & Comp.

Parece que o caso vae tomando proporções, porque esse jornal referiu-se ao Exm. Visconde de S. Joaquim.

Mas o que tem isso de grave?

Pois não podia o Exm. Visconde, elle mesmo em pessoa, para divertir-se, atirar busca-pés?

Onde está a lei que veda aos Viscondes soltarem busca-pés?

Será um Visconde um homem de outra natureza diferente dos outros homens?

O Visconde de S. Joaquim, a quem aliás estimamos, será inviolavel e sagrado, para não vêr seu nome em noticiario de jornal?

Essas bajulatorias, em vez de chamar a sympathia para o Exm. Visconde, antes lhe prejudicam.

Rapazes, se sois guerreirões, deixem o Visconde e a Gazeta, e venham cá para a abolição esfregar capitães do matto.

«Germania»

Chamamos a attenção do exm. sr. dr. chefe de policia para o que escreveu a Germania, orgam da colonia allemã desta provincia, em data de 25 do corrente.

Esse nosso collega queixa-se que foram presos em Santos, as mães e 27 noruegueses, que estavam alli hospedados em um hotel.

O facto de terem prendido esses estrangeiros não teria importância alguma si não se tivesse dado a mesma forma de tratamento a um cidadão brasileiro.

Estavam esses cidadãos hospedados em um hotel, e a noite, foi elle invadido pela policia e obrigaram os hospedes a levantarem-se, chegando o escandalo ao ponto de entrarem em quartos onde estavam senhoras, já accomodadas, obrigarem as mesmas a vestirem-se na vista da policia, e depois serem todos conduzidos á cadeia, onde permaneceram por 48 horas, para serem soltos depois de pagarem a calceragem de 1000 por cabeça.

Estes factos provam ao estrangeiro que, em um paiz de escravo, não ha segurança individual.

Si nós precisamos de estrangeiros para colonisar a nossa provincia, como trata-se essa gente por uma forma tão irregular?

Passamos a noticia da Germania para as nossas columnas, porque este jornal faz timbre em tom de defesa dos fracos.

Traduzimos, por alto, o que escreveu a Germania, porque não somos versados n'essa lingua, mas o exm. chefe de policia, se não souber a lingua allemã terá traductores, e se possam interpretar perfeitamente as queixas desse collega e dar as providencias que o caso pede.

A escravidão

Temos demonstrado, paizes-nos, a sociedade que a escravidão é uma instituição iniqua, e que por todos os lados encarada, é ella uma monstruosidade. Não sei, nem posso comprehendê-la, como um povo, que pretende os fóros de civilizado, um povo christão, possa considerar a escravidão como uma justa e legal propriedade!

E' preciso que um tal povo tenha inteiramente perdido toda a noção do bem, de justiça, de moral e de religião.

Felizmente, se ha individuos, na nossa sociedade, com sentimentos obliterados da recta razão, e o que é mais de admirar é que hajam homens, e disant de letras, formados nas academias, que se arvoreem em defensores da instituição da escravidão; outros, porém, ha

que devotamente se dedicam á defeza da mais santa das causas, qual a libertação dos seus irmãos captivos.

Caminha, pois, com rapidez a idéa da emancipação. Hontem poucos, e esses mesmos timidamente, arriscavam algumas palavras em sua defeza; hoje muitos são aquelles, que não fazem mais mysterio do seu pensamento: e não muito longe estaremos que grande numero de escravocratas se envergo a brada-lo ter sido!

Parodiando o dito de Tertulliano á respeito dos Christos nos primeiros seculos da Igreja, diremos: hontem nascemos, hoje, nós o emancipadores, já occupamos as cidades, os tribunaes, o fóro, os templos, etc.

Abençoada por Deus a idéa da emancipação, ella caminha para seu feliz termo. Deus ha de permittir, que nesta terra, por nós amada, ainda os nossos olhos lograrão vêr a extincção da maior das iniquidades, que a humanidade em seu desvario produziu.

Sei que alguns curtirão amargos desgostos por se lhes arrancar a preza das mãos; mas qual foi o ladrão que, de boa vontade, abriu mão do roubo, encontrado em seu poder?

Sei que os que estão acostumados a viverem do suor do seu semelhante, hão de amaldiçoar aquelles, que trabalham pela libertação dos infelizes captivos, mas quando é que a maldição da iniquidade poude jámais ferir obreiros do bem?

O café no México

Sobre este assumpto, o nosso collega da Imprensa Evangelica traz algumas considerações, que pedimos venia, para transcrever no nosso jornal.

Como nas repubblicas da America Central, está se augmentando de dia em dia.

Em 1869 o Mexico vendeu aos Estados Unidos apenas 203.048 libras. Em 1879 vendeu 8.307.040 libras. Em 1881 as vendas foram de 13.911.000 libras, e o anno passado elevaram-se a 15.764.000 libras.

Se o Brazil quizer conservar a supremacia na produção do café, deve tratar de collocar-se, sem perda de tempo, em posição de poder competir com o trabalho livre dos outros paizes produtores.

Tem-se demonstrado exuberantemente que o trabalho escravo não pôde competir com o livre. Haja vista aos productos dos Estados do Sul, dos Estados Unidos com braços livres, e aos de antes com trabalho escravo. Além disto o trabalho bruto do escravo, continuado por muito tempo mata qualquer industria agricola, arruinando as terras e desmoralisando o povo; haja vista o que se tem passado nas Antilhas.

Fazem annos, em Pindamonhangaba, o Chico Franco, de Pindamonhangaba, com o seu parceiro preto velho, Anselmo Mariano, também de Pindamonhangaba, prender pretos fugidos de Pindamonhangaba.

Em S. José dos Campos, faz annos, e também de vez em quando, em Pindamonhangaba, o negrophago Alexandrino Marcondes, por propalar que breve vae ser assassinado o redactor desta folha.

No Jambéiro, faz annos, o mesmo Alexandrino, por não querer assistir o casamento de sua prima, por estar com dous escravizados no tronco.

Nesta capital, faz annos, o estudante normalista, Francisco Vellozo, como estudante e capitão do matto, ficando esperado até vir sua chronica, por este jornal.

Na Penha do Rio do Peixe, faz an-

nos, de noite, de dia, chovendo, fazendo sol e serenando, Luiz Antonio Ribeiro, por libertar seus escravos com condição de sete annos!!!

Fazem annos, no Amparo, João Antonio de Candelaria e o major Batata, o primeiro em segundo logar, o segundo em primeiro logar e vice-versa até o infinito...

Na Limeira, fazem annos, 1º o santarrão Maneco Boava deixando de castigar os pretos só quando ouve missa; 2º, Manoel Rodrigues de Sampaio, que feitoriza á vergalho cinco pobres escravizados que passam trazendo-os em ferros; 3º, Anna Estrela, que todos os dias manda applicar palmatoria das em uma pobre escravizada, fazendo também, annos, o Maneco Adão, que auxilia-a nos castigos; 4º, logar, Belizario Leite, rapaz que gosta de jaboticabas, ficando esperado Evaristo dos Santos, até segunda ordem.

O Felipe Aureas Delaborde, faz annos, de dia, de noite, chovendo, fazendo sol e serenando.

Em Jundiahy, faz annos, o povo todo, por consentir que na Estação daquelle cidade se dêem scenas vergonhosas.

Em Piracicaba, faz annos, o grande abolicionista Seraphim da Silveira Bueno, que por ter dado liberdade á seu escravizado Henrique, por estar este, ha cinco annos, com um cancro no nariz.

No mesmo logar, isto é, Piracicaba, fazem annos, Nhônhô Fernando, ficando esperados Innocencio de Paula, (amigo da Redempção), Luiz Gonzaga, Chico Gonzaga e d. Antonio Lydia.

Na villa da Bocaina, fazem annos, o dr. Costa Junior e como accessorios o Zico e o Boucinhas.

Nesta capital, os proprietarios do Hotel Democrata, rua da Estação, guardam pretos.

Aqui mesmo, faz annos, um velho zelador dos bexiguentos, por ser capitão do matto, ficando esperado para fazer no inferno, onde breve irá.

Faz annos, nesta capital no largo do Rosario, dentro e fóra o Alberto capitão do matto e cuja chronica breve sahirá a limpo.

Faz annos, em Santa Izabel, Benedicto Marcondes de Abreu quer chova, quer faça sol e até mesmo serenando.

Faz annos, hoje, amanhã e depois de amanhã o normalista e capitão do matto, Francisco Vellozo, ficando depois esperado para fazer annos em Guaratinguetá, sem sobranceira e com um bom cristel.

Faz annos, o cocheiro capitão do matto, Chico Malheiros, do carro n. 83.

José Genoveva, Angelo Tinca, Mariano 33 e o negro Roberto, fazem annos, por atacado e a varejo desde a Estação do Norte até o Hotel Democrata, cujos donos também fazem annos.

Em Mogy das Cruzes, se chover fará annos Antonio Monteiro de Godoy, inimigo da raça negra, ficando esperado emquanto fizer sol.

ANNUNCIOS

Grande

foi o sortimento de calçados que da Corte trouxe agora o proprietario do Guarany

De entre a enorme variedade especializaremos os seguintes e afamados autores: CLARK, para homem e senhora; BOSTOK, idem; POLLAK VENCEDOR; idem; e muitos outros, vende-se tudo com grande redução de preços, por ter o annunciante feito grandes e vantajosa compras.

AO GUARANY

42—RUA DA IMPERATRIZ—42

A La Belle Jardinière

GRANDE SORTIMENTO DE ROUPA PARA INVERNO

Sobretudos de ca-
semira franceza, for-
rada de seda la derniè-
re mode, sobretudos de
panno piloto, castor
e diagonal.

Cavours, ponches,
polainas impermea-
veis a 8\$000!! An-
derson Abotti, fabri-
cante em
Londres



Chales mantas, col-
letes de malha, cober-
tores para viagem,
lenços de seda e de lã
e muitos outros arti-
gos proprios para o
frio.

Costumes á mari-
nheira e de casemi-
ra, sobretudos, ca-
misas de meias, gra-
vatas, collarinhos pa-
ra crianças de 3 a
12 annos.

A LA BELLE JARDINIÈRE

30--RUA DE SÃO BENTO--30

TELEPHONE, 65--EM FRENTE AO GRANDE HOTEL

A. LINO & COMP.

Loja do Rocha

20-Rua da Imperatriz-20

O seus numerosos amigos e freguezes a **Loja do Rocha** previne que acaba de receber completo sortimento de calçado Ferris e outros fabricantes da Europa, e avisa que é o unico depositario do calçado Klark & Comp. (Travessa do Ouvidor n. 35, Rio de Janeiro.)

GRANDE OFFICINA DE CALÇADOS FINOS

LOJA DO ROCHA

20-Rua da Imperatriz-20

Industria Nacional

Só na casa Pomona
Biscutos, lata, 1\$160.

VICENTE P. GUIMARÃES

LARGO DO MERCADINHO 8

Nova fabrica de caixa de papelão

DE
Sergio, Kanz & C.

13, RUA JOSE' BONIFACIO, 13

(Antiga do Ouvidor)

Apromptam-se com brevidade e preços commodos: caixas para chapéus, camisas, meias, flores artificiaes, grinaldas, fogos e qualquer caixa de luxo,

S. PAULO

PADARIA 7 DE SETEMBRO

DE

ANTONIO MARTINS DE OLIVEIRA

2, Rua da Imperatriz, 2

VENDE-SE FARINHA DE TRIGO POR ATACADO

esco hido sortimento de roscaes, biscutos, superior chá Hysson e nacional, manteiga de diversas marcas, etc

Grande sortimento de molhados, como sejam: vinhos portuguezes e francezes, cervejas, licores finos, etc., os quaes se venderão por atacado.

S. PAULO

8

PROPAGANDA SEPARATISTA
SÃO PAULO INDEPENDENTE

POR
MARTIN FRANCISCO
500 RS.

Em todas as livrarias

THEATRO DO POVO

A NOIVA DE SEXTENTA ANNOS

COMEDIA EM 3 ACTOS

Vende-se á rua da Imperatriz, 31
CHALET, MASCOTTE

GRANDE FUNILARIA

PREÇOS SEM COMPETIDOR

CARLOS NELSEN

36--RUA DO PRINCIPE--36

Encanamentos de ferro, chumbo, cobre etc. Banheiras de chuva, chuveiros simples, banheiras inteiras e meias. Colloca-se bombas de todos os systemas. Trabalhos em zinco, cobre etc. Torneiras de todos os systemas. Saidas para caixa d'agua. Grande quantidade de obras de folha e tudo mais que pertence a este ramo de negocio. Encarregam-se de qualquer trabalho pertencente a esta arte tanto bauli como para o interior.